

Índice

As Rosas	9
A Aventura do Vestido Vermelho	19
As Velas da Noite	47
O Que Eu não Compreendo É a Música	65
Dentro da Chuva Cinzenta	87
Origem dos Textos	111
Sobre a Autora	113

As Rosas

As rosas vermelhas, carnudas, duplicavam-se no espelho. O perfume era intenso, quase nauseante. Carla disse baixinho os versos de Rilke:

*... rose qui distribue
cette troublante odeur de sainte nue.*

Ao lado das rosas, a sua imagem no espelho. O cabelo castanho, comprido, os olhos verdes. O corpo ainda húmido. O leve perfume a gel de banho. Perfume de mulher nua.

Pensou pela milésima vez que era bonita de mais. A perfeição dos seus traços tinha qualquer coisa de terrível. De imutável. Os olhos enormes tinham o brilho de pedras. E os seios perfeitos, de mulher que não quer ter filhos.

De mulher sozinha.

Lembrava-se do que dissera a David quando terminara a relação: “Não suporto acordar de noite e ver-te ao meu lado na cama.” Depois tentara suavizar as coisas. “Preciso de ficar sozinha para escrever.”

E continuara sozinha, mesmo depois de terminar o livro. Se é que o terminara. Parecia-lhe estar ainda dentro dele, ligada. Em-

bora tivesse fugido para bem longe. Para a ilha onde nascera vinte e oito anos antes, para a casa que pertencera aos avós e agora era sua.

Olhou em volta. Aquele quarto não tinha nada de familiar. Apenas a roupa jogada sobre uma cadeira e os livros na velha secretária. Álbuns de Monet, Giacometti, Rothko; alguns volumes de Bachelard e Maurice Blanchot.

E as rosas. As rosas vermelhas que todos os dias, desde que chegara, a empregada deixava sobre a cómoda.

O estranho é que não vira uma única roseira no jardim. O jardim imenso, quase metafísico, onde as camélias já estavam em flor, os trevos-roxos começavam a cobrir os relvados, e nos ramos nus das magnólias as flores brancas se esboçavam lentamente.

O jardim onde avistara dias antes duas crianças louras brincando entre as sebes que tinham a forma de pássaros. Quando se aproximara já não estavam lá.

E também vira ao longe, uma ou duas vezes, um homem alto e louro sentado num banco de pedra, junto a uma pequena ponte. Um turista, talvez.

Estivera na capela, à qual se chegava por uma alameda de rododendros. Era fria e estava bem cuidada. E da porta via-se a casa velha, entre as árvores.

Por alguma razão obscura, Carla ainda não se aproximara da casa velha. Fora lá que nascera. Ela e Tom. Tom, o irmãozito gémeo que se afogara num dos tanques à frente da casa, quando tinha quatro anos. Por esse motivo os pais tinham abandonado a ilha e nunca tinham voltado.

Mas Carla agora estava ali. Não se lembrava de Tom. Ela e o irmão gémeo, era como uma história que lhe tivessem contado.

Mas sentia vontade de chorar quando lia o “Requiem por um menino” de Rilke.

Disse baixinho:

que isto compreendi-o eu cedo: quão sozinho
é um cavalo de pau.

Sentiu um nó na garganta. Olhou de novo para o seu rosto no espelho. Depois para as rosas. Botões vermelhos, duros, que começavam a abrir-se.

* * *

Caminhava pelo jardim. Um nevoeiro leve insinuava-se entre as plantas. Na parte onde só havia magnólias. Como se se desprendesse das flores.

Um pouco mais longe, estava sol. Carla deitou-se num relvado, esmagando com o corpo esbelto os trevos-roxos minúsculos. Apanhou uma, das amarelas e, como se lembrava de ter feito em criança, levou-a à boca. Um sabor ácido. Continuou a mordiscar o caule da planta e de repente sentou-se na relva.

Na alameda de rododendros que conduzia à capela, caminhava um homem alto, louro. O mesmo que vira das outras vezes. Não devia ser um turista. Talvez um vizinho. Embora não houvesse qualquer quinta nas proximidades.

Claro que poderia perguntar ao jardineiro ou à mulher. Mas era difícil arrancar-lhes uma informação. Quase não falavam, nem sequer um com o outro. Pareciam absorvidos numa tarefa eterna, ela limpando a casa, ele tratando do jardim.

Deixou-se cair de novo na relva. O céu azul, o movimento das nuvens e dos pássaros.

“Tenho vivido de tal forma dentro dos livros, que quase esqueci o mundo exterior.”

Mas era impossível ficar indiferente àquele jardim que se transformava de um instante para o outro. As cores, os cheiros, as flores que se abriam, as alamedas onde pairava o nevoeiro.

Levantou-se e caminhou em direção à capela, com a vaga esperança de encontrar o desconhecido. Mas só viu o velho jardineiro que aparava umas sebes. Como de costume, ele pareceu ignorá-la. Limitou-se a fazer um leve cumprimento com a cabeça e concentrou-se de novo na sebe que tinha uma forma estranha, quase monstruosa.

Mas Carla precisava de falar com alguém.

— Ainda não vi roseiras no parque. De onde vêm as rosas, as rosas que me deixam no quarto todos os dias?

Ele fitou-a com os longínquos olhos azuis. Depois falou com voz pausada, entorpecida, de quem está habituado ao silêncio:

— É o senhor que vive na casa velha... que as traz todas as manhãs.

* * *

Ali o silêncio era diferente. Um silêncio feito de cantar de pássaros, de respiração de animais invisíveis, de roçar de folhas umas nas outras. Mas era diferente.

Os tanques. Quatro ou cinco, enormes, um a seguir ao outro, meio escondidos pelas heras e os arbustos.

Depois o caminho plano, os relvados. As camélias deviam ser centenárias, porque tinham dimensões de verdadeiras árvores, troncos grossos, flores frágeis, cor-de-rosa e brancas.

E ao fundo a casa, ampla, baixa, como se fosse só uma fachada. Uma atmosfera de santuário.

Carla passou pelos tanques. Perguntou a si mesma para que teriam servido em tempos. Tinham água, água escura, cheia de folhas e flores, reflexos de nuvens e árvores.

Parou a uma pequena distância da casa. Dava uma impressão de imobilidade. Mas não como uma casa qualquer. Como uma casa que já morreu e descansa. E isso não tinha nada que ver com as paredes descascadas ou com as vidraças partidas no andar superior.

Sobre a porta de madeira branca, carcomida, havia um arco de alegre-campo. Uma planta que por vezes cresce em estado selvagem e dá flores pequeninas, quase invisíveis, escondidas no interior das folhas.

Mas aquela planta fora disposta com carinho e acentuava a impressão de religiosidade que pairava no lugar.

Carla tentou forçar a porta sem nenhum resultado. Espreitou pelas janelas e viu o negro, o vazio. Deu a volta à casa. As traseiras tinham sido mais vulneráveis ao tempo, mas o jardim estava muito cuidado, as camélias, as sebes, inúmeras antolizas em flor.

Carla sentiu vontade de chamar mas não foi capaz de dizer o nome que lhe vinha ao pensamento.

Afastou-se pela alameda que levava à capela. O sol escondera-se atrás das nuvens e um frio súbito...

Estremeceu quando viu o homem encostado à porta da capela. Era tão belo como ela mesma, o rosto intocado, terrível.

Ela abriu os lábios e disse uma palavra, sem hesitar:

— Tom.

Ele sorriu com os olhos. Os olhos verdes, enormes, iguais aos dela.

— O teu cabelo escureceu — disse com voz lenta.

* * *

Carla afastou os lençóis e passou a mão pelo corpo nu.

Aquela estranha unidade. Aquela estranha solidão.

Era fácil compreender, agora. Porque nunca se ligara a um homem. E tinham sido tantos.